

Hispânicos devem abrir espaço na era global

FELIPE GONZÁLEZ
Ex-primeiro-ministro espanhol

Em agosto, recebi um telefonema de Carlos Fuentes para propor-me participação no Foro Ibéria-América Latina. Pareceu-me atraente por sua composição e seus objetivos, ainda difusos no momento da conversa telefônica, mas que apontavam na direção que vinha pensando nos últimos meses. Aceitei imediatamente e, com manifesta imorudência, comentei com ele o que estava rondando minha cabeça reflexão.

A conversa ligeira com Carlos Fuentes, interessante e fluida, repetiu-se uns dias depois. Se me refiro à imprudência é porque no serviço militar se diz que quem dá um passo à frente varre o quartel. Nisso deve ter pensado Carlos quando propôs que fizesse a apresentação do debate previsto para o foro. Sem volver atrás, dei-lhe minha adesão como o alívio de pensar que ainda faltavam quase três meses.

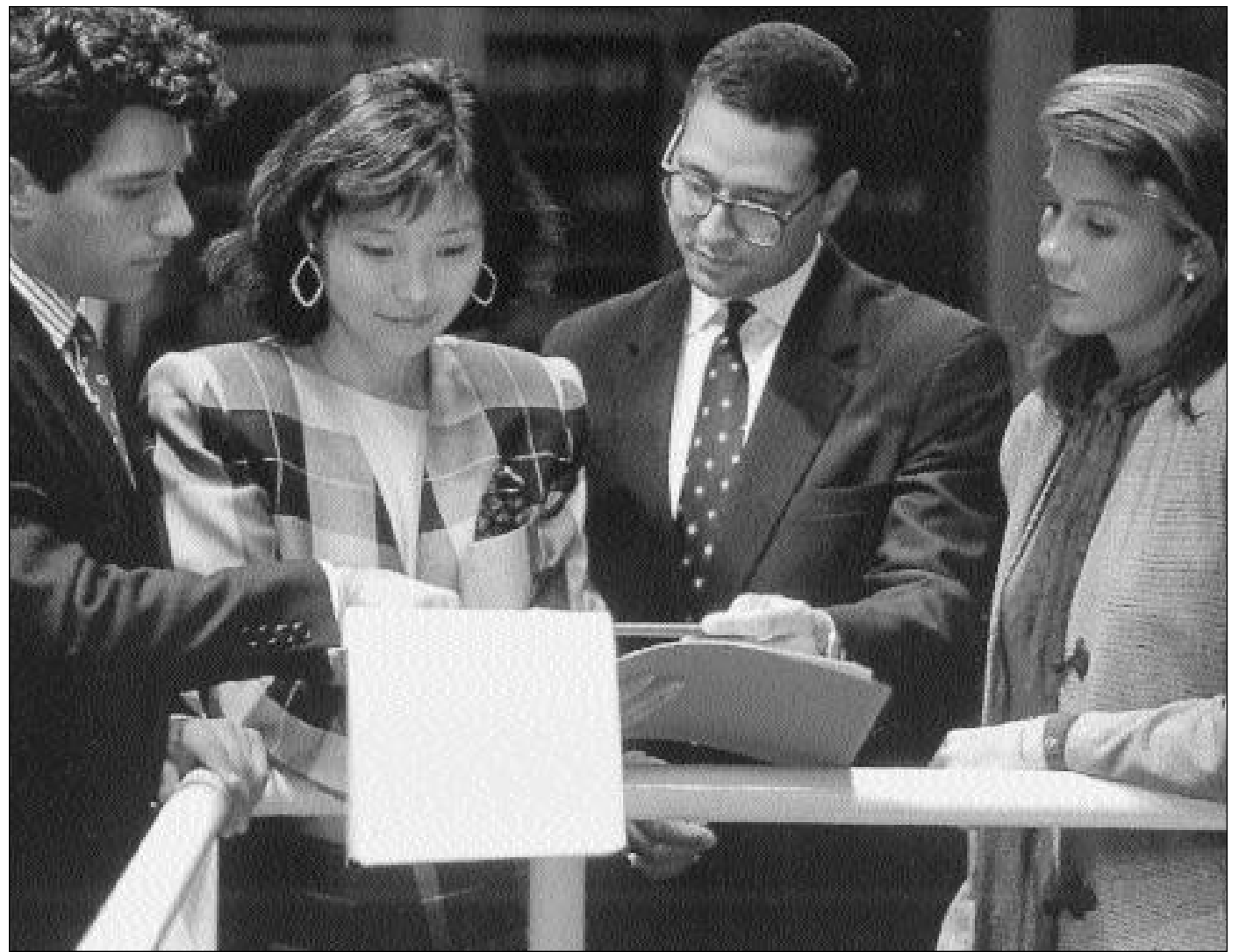
Efetivamente, o foro foi convocado na Cidade do México, com a presença inaugural do presidente que assumia, Vicente Fox, e um jantar com o presidente que deixava o cargo, Ernesto Zedillo.

Poucos dias antes, Gabriel García Márquez, em fase de recuperação com terapia de presunto serrano e queijo, perguntou-me inquieto qual era a finalidade desse encontro, que mesclava, pela primeira vez num mesmo debate e reflexão, criadores culturais, empresários e políticos do espaço ibérico e latino-americano.

Não sei se o tranqüilizei, ou antes o contrário, quando lhe disse que procurávamos o paradigma que pudesse orientar-nos na mudança cultural, econômica, social e política da nova era de Internet. Um esforço de reflexão para superar a *malaise* francesa, que poderíamos traduzir por desassossego, diante da consciência de que o que foi não voltará a ser e que, para o que será, perdemos os códigos de orientação vigentes durante a era industrial.

A arrancada introductória era essa aparentemente, e Julio María Sanguinetti nos surpreendeu com uma réplica brilhante: "Sem dúvida, o futuro já não é o que era".

E com estes e alguns outros prolegômenos do mesmo teor, entramos num dos debates mais interessantes e variados que conheci nos últimos anos. Só faltavam, quanto à composição, alguns tecnólogos inovadores nas áreas mais definitórias da mudança de



FILE

era, como a informação e a biotecnologia, e alguns representantes do mundo hispânico nos Estados Unidos. Ambas as coisas serão feitas, ao que parece, além de aumentar a representação com pessoas de relevos de países ausentes.

Da Argentina e Brasil ao México, passando pela Venezuela e a Colômbia, mais Espanha e Portugal, comecemos a tatear no espaço que compatilhávamos, tratando de descifrar se correspondia a um espaço de oportunidade para ser consistentes, relevantes, na globalização.

Na conversa de verão iniciada com Carlos Fuentes, eu tinha partido da base de "lo hispano" (hispanic), tal como o percebem os anglo-americanos dos EUA.

Não obstante, essa dimensão, em que me deterei hoje, não abrange a totalidade representada no foro a que estou fazendo referência, por elemento lingüístico diferenciador de Brasil e Portugal no conjunto.

As definições negativas, como *Hispanic* nos Estados Unidos, não só não me causam preocupação, como também, seguindo a fenomenologia das artes marciais do Extremo Oriente, me parecem adequadas para aproveitar a força do competidor que nos vê mais fracos, menos capazes, para abrir nosso próprio espaço na nova era que se abre. A condição é que saibamos discernir em que possuem vantagem sobre nós

e em que nós podemos tê-la. E o problema número q é averiguar se há um "nós" e em que consiste, tendo em conta que eles nos identificam com um "vós": os hispânicos".

Se alguém tiver a tentação de responder a isso, que parece adivinhação, afirmando rápido e contundente que "é a língua", então perdemos de 10 a 1. Por muito que aproveitemos a força do competidor, nesse terreno nos esmaga. Por isso, nas conversas com Fuentes, dizia-lhe que nossa força era a cultura como identidade de identidades, cuja conectividade (sinto, está na moda na sociedade da informação) é a língua.

Essa cultura do "hispânico", assim descrita, se realiza num âmbito mais amplo e poderoso que a cultura do "anglo", e mais ainda que a cultura do "anglo-americano".

A última conclusão nasce da consideração de Carlos Fuentes, que no encadeamento dessa reflexão citava Bernard Shaw: "A Grã-Bretanha e os EUA são países unidos pelo mesmo oceano e separados pela mesma língua".

Mas convém dar um passo atrás. Quando um anglo-americano fala dos hispânicos - dentro ou fora dos EUA - está carregando negativamente o conceito, como cidadania e menor categoria, como menor nível de vida ou cultura. Além disso, o faz por exclusão. São hispânicos aqueles que não têm origem africana, asiática, ou européia

fora de nosso país.

Geralmente mais escuros que os anglos, nos situam numa espécie de magma de origem que vai, difusamente, do Estados Unidos, passando pelo Rio Grande até a Patagônia, incluindo o Caribe, até chegar, se os ampara a ecologia secundária, à própria Espanha. Há alguns elementos positivos. Consideram-nos criativos, divertidos, com bom ritmo musical, etc...

Assim descrevem o "vós", com que identificam o hispânico. Que me perdoe María Moliner, mais precisa na segunda aceção do hispânico em seu dicionário. "De cultura espanhola. Particularmente, aplica-se aos habitantes de fala espanhola estabelecidos nos Estados Unidos, e a suas coisas". O que acham?

A graça não está só na língua, mas em suas coisas, como elemento de identificação.

Essas coisas, veiculadas pela língua, contêm o "nós". E minha primeira proposta, também válida para a Espanha, se bem que esteja falando de todo o hispânico, é que dediquemos um esforço para descobrir esse "nós", semelhante, ao menos as que empregamos em marcar as diferenças.

Esse esforço deve ocultar a diversidade, porque não pretende homogeneizar nada. Credo, como creio, que a diversidade é a

Continued on page B-11